



The binding strand of...#1, 2020, técnica mista, 200 x 150 cm

RUI MIGUEL LEITÃO FERREIRA
Nem Vale Nem Montanha

Curadoria de Sérgio Fazenda Rodrigues

Abre ao público, terça-feira, dia 19 de maio de 2020

19 de maio a 12 de setembro de 2020
Terça a sábado | 10H-19H

Galeria 111
Rua Dr. João Soares, 5B | 1600-060 Lisboa
T: +351 217977418

"Nem Vale nem Montanha"

A pintura de Rui Miguel Leitão Ferreira vive num delicado equilíbrio entre a gestão do que se afirma e a espontaneidade do que acontece. Assente no encontro de algo profundamente físico e simultaneamente espiritual, o seu trabalho desenvolve-se em torno da interseção de diferentes formas, tempos e modos de fazer. O suporte, o material e a ação articulam-se num diálogo que é conjuntamente pensado e intuído, destacando a relação entre o que se depõe na tela, o que dela emerge, e o que nela se adivinha. Gerindo um cruzamento de várias camadas, esse diálogo salienta uma vontade de inscrição – quando o artista aplica a tinta diretamente na tela, e a aceitação de um resultado desconhecido – quando o artista cobre, decalca, arranca e destapa as várias peles que enformam a pintura.

Estruturalmente físicas e a um mesmo tempo imagéticas, as obras de Rui Ferreira vivem da densidade que emanam. Uma densidade que provém da manipulação atenta da matéria, reconhecendo-lhe a espessura, a elasticidade, a opacidade, ou a reação química, mas também de uma cuidada observação da imagem, percebendo, ponto a ponto, o que a constitui e caracteriza. Por isso, se falarmos na densidade da pintura e na complexidade que lhe é inerente, devemos também apontar a desarmante simplicidade com que toda a produção se desenrola, acolhendo o acidente, o imprevisto e o incontrolável. Podemos assim dizer que o seu trabalho aborda um equilíbrio de forças, onde se gere a vontade e a aceitação, a matéria e a imagem, o complexo e o singelo.

Vivendo numa convergência de opostos, as obras de Rui Ferreira solicitam uma atenção que funciona a diferentes níveis. Se por um lado a dimensão das telas



é grande e envolvente, captando-nos ao longe para o interior do seu campo de influência, por outro há uma proximidade que nos alicia e convida à descoberta do detalhe. Oscilando entre estas duas esferas, do vigor do global à delicadeza do particular, o artista convida-nos a descobrir o seu trabalho de forma lenta, curiosa e contemplativa.

Nessa descoberta inteiramo-nos de múltiplas presenças que se ocultam e se revelam, indagando a própria natureza da Pintura. Trata-se da sobreposição de várias figuras que a evolução do trabalho se apressa a diluir, ou do pouco que delas resta por apagamento e saturação da superfície. A maioria fica absorvida por sucessivas camadas de tinta, mas há um pequeno número que, de modo curioso, surgindo como um fantasma, ocupa a parte de trás da tela. Em todos os casos, falamos de entidades que acompanham o desenvolvimento do trabalho, alheando-se à construção de um discurso narrativo e representacional.

Dir-se-ia que as obras vincam uma lógica processual e afastam-se da vontade de ilustrar, ensaiando uma desconstrução de hierarquias e referências cronológicas que mantém a ação em aberto. Os valores não obedecem a uma ordem de procedimentos ou a uma estratégia pré-definida e as ações não são sequenciais ou lineares, existindo, antes, um funcionamento que se altera em consonância com a parte e com o todo.

No desenrolar desse processo, ou no livre avançar desse caminho, as figuras esgueiram-se, as manchas sobrepõem-se e o material ganha expressão. A mão pede o toque e o olhar embala-nos numa perscrutação arqueológica que nos alicia com a descoberta do que antes existia, do que gradualmente se transforma, e do que ainda persiste. Remetendo-nos ora à proximidade da matéria ora ao distanciamento que a escala da tela reclama, as obras induzem uma ligação entre o lado táctil e o lado visual, vagueando entre a intimidade de cada fragmento, e a força do conjunto.

Na verdade, o que a pintura de Rui Miguel Leitão Ferreira nos sugere, entre o que se vê e o que se esconde, entre as várias camadas e os seus tempos cruzados, é que tudo se move no equilíbrio de um campo transitório, sem regras nem estereótipos. A natureza desse trabalho não procura referências a que nos possamos agarrar, convidando-nos antes à possibilidade de uma impermanência. É isso que a pintura pede e é isso que o artista cumpre. O mesmo que no Oriente se invoca quando, a propósito da posição das mãos, em meditação, se aponta a condição aberta de não sermos nem vale nem montanha.

Sérgio Fazenda Rodrigues



RUI MIGUEL LEITÃO FERREIRA (1977, Lisboa). Vive e trabalha entre Lisboa e Viena.

2012 Mestrado em Fine Art, Goldsmiths, Universidade de Londres

2005 Licenciatura em Pintura, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa

Exposições individuais [seleção]

2020 *Nem Vale Nem Montanha*, Galeria 111, Lisboa, Portugal

2017 *#nervosa*, Galeria 111, Lisboa, Portugal

2016 *Tequila Sunrise. Paintings without a painter*, Amir Shariat Projects, Parallel, Viena, Áustria

2013 *The Tomb and the Fountain*, Hotel Elephant Gallery, Londres, UK

2009 *Pele*, Galeria Filomena Soares, Lisboa, Portugal

2007 *Temperatura*, Galeria Filomena Soares, Lisboa, Portugal

2005 *Módulo*, Centro Difusor de Arte, Lisboa, Portugal

2004 *Módulo*, Centro Difusor de Arte, Porto, Portugal

2003 *Pulsção, parte 1*, Módulo, Centro Difusor de Arte, Lisboa, Portugal

2003 *Pulsção, parte 2*, Módulo, Centro Difusor de Arte, Porto, Portugal

Exposições coletivas [seleção]:

2019 *Fuck The Digital*, Low Gallery, Londres, UK

Uma Coreografia de Gestos Mínimos, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal

AIR – Artists in Residence, Krinzinger Projekte, Viena, Áustria

2018 *Hindrance to Modern Speed*, Sehsoal, Viena, Áustria

Pensar em Grande, Centro de Arte Manuel de Brito, Palácio dos Anjos, Algés Portugal

2017 *AIR, Krinzinger Projekte*, Viena, Áustria

Dada Da Academy. Present, Atenas, Grécia

2016 *Suey and Ruey: Brexit Stories*, The Queen Adelaide of Cambridge Heath, Londres, UK

2014 *Acervo. Artistas Portugueses na Coleção Navacerrada*, Espanha

2013 *Aquisições Recentes*, Coleção Manuel de Brito, Algés, Portugal

2013 *Untouchable*, (Curadoria de Franko B), The Flying Dutchman, Londres, UK

2012 *This Is The End*, Goldsmiths College, Londres, UK

2011 *O voo do Bumerangue – 10 anos da Galeria Filomena Soares*, Lisboa, Portugal

2010 *Mono*, (about the group GICAPC/CORES CAPC 1976/1978), CAPC, Portugal

2007 *Guasch Coranty International Painting Prize*, CCTecla Sala, L'Hospitalet, Barcelona, Espanha

Fidelidade Mundial Jovens Pintores, Prémio Internacional de Pintura, Culturgest, Lisboa, Portugal

International Painting Prize Focus–Abengoa, Fundação Focus–Abengoa, Sevilha, Espanha

2005 *Exposição de Finalistas*, Faculdade de Belas Artes, Galeria Mitra, Lisboa,



Portugal XXX (1965-2005), Módulo, Centro Difusor de Arte, Lisboa, Portugal
2004 *European Young Creators Salon*, Montrouge, França; Sant Cugat, Espanha;
Amarante, Portugal
Generation 2003, Módulo, Centro Difusor de Arte, Porto, Portugal

Prémios

2011 Chelsea Arts Club Trust Fund Award, Chelsea Arts Club, Londres, UK
2007 *1st Prize*, La Mútua Painting Contest, Granollers, Espanha

Residências

2019 SOART, Millstaettersee, Austria
2018 Krinzinger Projekte, Petömhalyfa, Vas, Hungary
2017 Banana Jam Art Space, Shenzhen, Guangdong, China
2016 Krinzinger Projekte, Viena, Áustria

Coleções Públicas

Yuan Art Collection, Switzerland | Bernhard Hainz, Viena, Áustria | PLMJ, Portugal |
AIP – Associação Industrial Portuguesa, Portugal | Fidelidade Seguros, Portugal |
Mútua del Carme – Granollers, Espanha | Coleção Manuel de Brito, Portugal |
Colección Navacerrada, Espanha